

IME - 2006

4º DIA

PORTUGUÊS

Leia os textos a seguir e utilize-os para a solução das questões propostas.

Texto 1

Poesia expressa na era da pressa

Se quase não temos mais tempo para ler romances no mundo da pressa, da TV, do cinema e dos videogames, então é tempo de ler poesia? Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico? A questão foi lançada pela ensaísta americana Camille Paglia, numa animada entrevista publicada pelo caderno Mais!, da Folha de São Paulo, e a revista Cláudia me repassa inesperadamente a bola, perguntando: a poesia ganha uma importância nova na era da internet? Ela tem mais chance num mundo como o nosso? De fato, de um ponto de vista puramente quantitativo, como diz Camille, um romance consome dias ou semanas de nosso tempo, exigindo uma atenção continuada, num mundo em que tudo em volta faz com que nossa atenção se interrompa e se disperse em mil assuntos. Já um poema pode ser lido em minutos, às vezes em segundos. O poema é uma autêntica pílula literária, em cuja concentração Camille Paglia vê a possibilidade de uma revitalização da Literatura em nosso tempo.

Considero que exaltar a poesia é sempre bom, assim como apostar na força dela: por que não? E o que a ensaísta americana está fazendo é, de fato, mais uma aposta muito afirmativa no poder da poesia do que um raciocínio automático e simplório que dissesse: como não temos tempo para ler romances, leremos poemas!

A questão que ela está colocando, na verdade, é: precisamos aprender – ou reaprender – hoje a ler poesia. Lembremos que no Brasil a questão é ainda mais embaixo, porque lemos muito pouco, pouquíssimo, seja poesia, seja prosa, e precisamos, portanto, aprender a ler, no sentido mais amplo da palavra. Mas, dito isso, vamos voltar ao começo e retomar a pergunta: de quanto tempo precisamos, de fato, para ler um poema? Quanto tempo nos pede?

Aqui a resposta tem que ser parecida à daquele pintor que, perguntado sobre quanto tempo levaria para pintar um determinado quadro, respondeu, cheio de razão: a vida inteira. Não nos enganemos, portanto, sobre a rapidez da poesia: um poema pede que a gente dê a ele a nossa vida inteira naquele instante. Em outras palavras, um poema exige pouco do nosso tempo horizontal, cronológico e linear. Ele exige tudo do nosso tempo vertical, aquele que vai bater lá no sem fundo da lembrança, na aura sutil dos afetos, na dor e no espanto de existir, e na descoberta de que as palavras, que nos parecem naturais, não param de dançar um jogo infinito. O poema exige um tempo intenso, em outra dimensão – por isso ele não é óbvio nem fácil, embora se entregue com súbita facilidade a quem se entrega a ele e o descobre de repente.

Carlos Drummond de Andrade, o nosso poeta maior, declarou certa vez, citando Rainer Maria Rilke (poeta austríaco) que “para escrever um só verso é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, conhecer os animais, sentir como voam os pássaros e saber que movimento fazem as flores ao se abrirem pela manhã; é preciso ter a lembrança de mulheres sofrendo na hora do parto, de pessoas morrendo, de crianças doentes, de diferentes noites de amor; e depois é preciso esquecer tudo isso, esperar que tudo isso se incorpore ao nosso sangue, ao nosso olhar; que tudo isso fique fazendo parte de nós”.

Isso que a poesia pede ao poeta, nas palavras de Drummond, pede também da sensibilidade do leitor, a seu modo, no momento da leitura. Fernando Pessoa diz que para se entenderem os símbolos poéticos são necessárias, antes de mais nada, a intuição e a simpatia do leitor: é preciso que o leitor vibre junto com o poema, dê força ao poema, seja cúmplice do poema e adivinhe o poema. O poema é uma avenca, uma planta sensitiva, que definha com um olhar torto. Mas também é uma fênix exuberante, que renasce quando irrigada. Porque bebe daquilo que o leitor lhe oferece em nudez interior, em despojamento de tudo que é o já sabido, em desprendimento de conceitos e pré-conceitos.

Penso, por exemplo, num poema tão simples, de **Manuel Bandeira**, como **A onda**:

45 "A onda anda
aonde
anda a onda?
A onda ainda
ainda onda
50 ainda anda
aonde?
aonde?
a onda
a onda."

55 Um leitor prosaico e ressecado, incapaz de lembrar que ele mesmo é um organismo todo feito de ondas — de ar, de fluidos, de energia, de desejos, de impulsos da alma dirá: mas que tremenda falta de assunto! Ele não terá na verdade tempo algum de disponibilidade para essas poucas e iluminadas palavras. Como diria Fernando Pessoa, o poema está morto para ele, e ele, morto para o poema.

60 Mas o leitor poético que há em nós, e mesmo que sem qualquer pretensão intelectual, reconhecerá de imediato as ondas do mar dançando na música das palavras. Tomado de simpatia, e intuindo que aquela vibração não lhe é estranha, embarca na onda e no jogo. E, consciente disso ou não, sente que a onda anda numa pergunta em círculo, procurando um lugar que não é nenhum lugar senão a própria onda. Que não há repouso senão no movimento. Que a vida só se apoia no seu moto-perpétuo, perguntando-se sobre seu destino e tendo como resposta a si mesma.

.....

65 Em suma, a poesia, pela sua brevidade, pela sua rapidez, pela sua leveza, parece participar daquele ritmo que Ítalo Calvino (escritor italiano) queria para o presente milênio. Ao mesmo tempo, ela continua sendo a estranha e mais que nunca a excluída desse mundo onde a publicidade ocupou todos os espaços para dizer que a posse das mercadorias permanentemente descartadas e o status conferido ao possuidor são a solução da existência. Nesse sentido, a vontade de afirmar a poesia, como
70 faz Camille Paglia, não deixa de atritar, cheia de energia, com o mundo que banuiu dele a poesia, na prática e não há pouco tempo. No seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, em 1930, Drummond já dizia: "Impossível escrever um poema a essa altura da evolução da humanidade". Mas terminava o mesmo poema dizendo: "Desconfio que escrevi um poema".

WISNIK, José Miguel. *A poesia expressa na era da pressa*. São Paulo: Revista Cláudia. Ed. Abril, julho 2005, adaptado.

Texto II

Para fazer um soneto

Carlos Pena Filho

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,
e espere pelo instante ocasional.
Neste curto intervalo Deus prepara
e lhe oferta a palavra inicial.
Aí, adote uma atitude avara:
se você preferir a cor local,
não use mais que o sol de sua cara
e um pedaço de fundo de quintal.

Se não, procure a cinza e essa vagueza
das lembranças da infância, e não se apresse,
antes, deixe levá-lo a correnteza.

Mas ao chegar ao ponto em que se tece
Dentro da escuridão a vã certeza,
Ponha tudo de lado e então comece.

SECCHIN, António Carlos. *Antologia temática da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

Texto III
O sobrevivente

Carlos Drummond de Andrade

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.
Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.
Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

SECCHIN, Antônio Carlos. *Antologia temática da poesia brasileira*. Rio
Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

Português – Questão 01

Assinale a oração que **MELHOR** substitui a que se segue.

“Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico?”

(texto I, linhas 3 e 4)

- A) Seríamos testemunhas, hoje, do renascimento do hábito de ler poemas, embora convivamos em uma época extremamente vulgar?
- B) Conquistaríamos, atualmente, tempo para ler poesia, ignoraríamos os demais meios de diversão de um mundo excessivamente violento?
- C) Conviveríamos, em nossos dias, com a vingança dos leitores de poesia em ocasião favorável para suas consolidações, em um mundo prolífero de prosaísmos?
- D) Assistiríamos, diariamente, à fama inesperada da poesia, propícia em um mundo fanático por textos em prosa?

RESOLUÇÃO:

Opção **A**

Vingança da poesia , o seu dia D e o momento propício para seu retorno são melhor substituídos por “renascimento do hábito de ler poemas” e **mundo tão violentamente prosaico** corresponde a “época extremamente vulgar”.

Português – Questão 02

Assinale a opção que **NÃO** corresponde às ideias veiculadas no texto I.

- A) A poesia é capaz de revitalizar a literatura, mesmo num mundo apressado.
- B) Qualquer poema pode ser compreendido em minutos, ou até em segundos.
- C) Em um poema cabe a vida inteira de um poeta.
- D) O poema escrito revive, a cada leitura, diante da cumplicidade do leitor.

RESOLUÇÃO:

Opção **B**

A ideia contida nessa alternativa contraria os argumentos defendidos por José Miguel Wisnik, no 4º parágrafo, em que ele afirma que o poema exige um tempo em outra perspectiva que não a cronológica (subentendida na palavra "minutos" da alternativa A).

Português – Questão 03

Wisnik compara os tempos humanos ao conceito de linha horizontal e vertical, utilizado na geometria espacial. Segundo ele,

- A) horizontal é o tempo cronológico, e vertical; o tempo da intensidade.
- B) horizontal é o tempo passado; vertical, o presente e o futuro.
- C) horizontal é o tempo presente, e vertical, o tempo passado.
- D) horizontal é a intensidade na utilização do tempo; vertical, o tempo das lembranças.

RESOLUÇÃO:

Opção **A**

Wisnik afirma, textualmente, que o tempo horizontal é o tempo "cronológico, linear." Já a ideia de intensidade relacionada ao tempo vertical pode ser confirmada nos trechos: "o poema pede que a gente dê a ele a nossa vida inteira naquele instante" e "O poema exige um tempo intenso, em outra dimensão".

Português – Questão 04

O pronome demonstrativo grifado na oração “Isso que a poesia pede ao poeta” (texto 1, linha 37) refere-se às

- A) palavras de Fernando Pessoa.
- B) palavras de intuição e simpatia do editor.
- C) palavras de Rainer Maria Rilke.
- D) citações do próprio José Miguel Wisnik.

RESOLUÇÃO:

Opção **C**

“Isso” é um pronome demonstrativo anafórico que retoma um termo ou uma ideia já mencionada. Como, no texto, “isso” encontra-se no início de um parágrafo, o termo retoma ideias do anterior, nesse caso, a citação que Drummond faz do poeta austríaco Rainer Maria Rilke e que diz respeito às exigências do poema a seu autor.

Português – Questão 05

A figura de linguagem presente em “as palavras... não param de dançar..” (texto I, linhas 35 e 36) também aparece em

- A) “O poema é uma autêntica pílula literária...”. (texto I, linha 10)
- B) “A onda anda...”. (texto I, linha 45)
- C) “... não há repouso senão no movimento”. (texto I, linha 63)
- D) “Desconfio que escrevi um poema”. (texto I, linha 73)

RESOLUÇÃO:

Opção **B**

No trecho “as palavras... não param de dançar”, aparece uma prosopopeia ou personificação, figura de linguagem que consiste em se atribuírem características humanas a um ser inanimado. Entre as alternativas da questão, aparece outra prosopopeia em “A onda anda...”. Na alternativa A, há uma metáfora; na C, um paradoxo; e na D, há uma reflexão metalinguística, e não uma figura de linguagem.

Português – Questão 06

Observe a acentuação gráfica da palavra *ensaísta* (texto I, linha 4) e, a seguir, assinale a opção que contenha, pelo menos, um vocábulo cuja acentuação obedeça à mesma regra.

- A) propício, pouquíssimo, literária
- B) existência, excluída, impossível
- C) necessárias, apóia, intuição
- D) perpétuo, energia, rainha

RESOLUÇÃO:

Opção **B**

A regra que justifica o acento de “ensaísta” é a que diz: “O “i” tônico de um hiato, sozinho na sílaba ou seguido de “s” deve ser acentuado.”

Veja:

en – sa – ís – ta.

A letra “i” pertence a um hiato, é tônica (pronunciada mais fortemente) e é seguida da letra “s” na sílaba. Compare com

Ex – clu – í – da.

Ocorre o mesmo com a letra “i” nessa palavra, a única diferença é que ela está sozinha na sílaba.

Português – Questão 07

Entre a sugestão de leitura de poesia (texto I) e sua escritura (texto III), Drummond sinaliza, em *O sobrevivente*, que

- A) por viver em um mundo “inabitável” (texto III, 4ª estrofe), o homem está cada vez mais sensível.
- B) o mundo está complicado demais para abrir espaço para a simplicidade da poesia.
- C) a poesia é capaz de devolver a sensibilidade ao homem.
- D) apesar de toda a tecnologia, ainda há espaço para a poesia no mundo.

RESOLUÇÃO:

Opção **B**.

Do poema de Drummond, depreende-se que “o mundo está complicado demais para abrir espaço para a simplicidade da poesia”. Tal ideia pode ser confirmada tanto pelo fato de o autor mencionar, no início do poema, que é “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade”, quanto na assertiva “Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples”. As alusões à evolução da humanidade e às máquinas complicadas confirmam, portanto, a complexidade do mundo e a incompatibilidade de tal realidade com a poesia.

Português – Questão 08

O vocábulo **Aí** (texto II, 2ª estrofe) poderá ser substituído, sem perda de seu valor semântico, por

- A) neste lugar.
- B) então.
- C) como consequência.
- D) "Ponha tudo de lado". (texto II, 4ª estrofe)

RESOLUÇÃO:

Opção **B**.

Na 1ª estrofe, há instruções do eulírico para se fazer um soneto, como sugere o título do poema. O "aí", que inicia a segunda estrofe, tem valor de "em seguida", "então", ou seja, dá continuidade às instruções que vinham sendo dadas na 1ª estrofe.

Português – Questão 09

A última estrofe do texto II sugere que a matéria do poema é a

- A) certeza.
- B) dúvida.
- C) infância.
- D) vida.

RESOLUÇÃO:

Opção **C**.

Ao longo de "Para fazer um soneto", a voz poética sugere que o autor deve valer-se de fragmentos da realidade circundante e de suas vivências, tal como evidenciam vários versos: "Tome um pouco de Azul, se a tarde é clara", "não use mais que o sol de sua cara/e um pedaço de fundo de quintal". Entretanto, na última estrofe, enfatizada no enunciado, a ideia de que o autor deve abandonar todas as suas certezas para compor o poema fica evidente. Daí se depreende que a matéria da poesia deve ser a dúvida, o que, não é, em nenhuma circunstância, incompatível com o raciocínio traçado anteriormente, uma vez que tanto a noção de realidade quanto a de vida pressupõem incerteza, inconstância.

Português – Questão 10

Observe o verso:

“Tinha um nome de que ninguém se lembra mais”. (texto III, estrofe)

Assinale a opção que, após a substituição do segundo verbo, possui incorreção na regência verbal.

- A) Tinha um nome em que ninguém acredita mais.
- B) Tinha um nome que ninguém ouve mais.
- C) Tinha um nome de que ninguém fala mais.
- D) Tinha um nome a que ninguém confia mais.

RESOLUÇÃO:

Opção **D**

O verbo “confiar”, no sentido de “crer”, “acreditar”, é transitivo indireto (Ele confia na namorada.) Veja que “confiar” foi usado nesse sentido na alternativa D, e, portanto, exige a preposição “em”, e não a preposição “a”. (Tinha um nome em que ninguém confia mais.)

“Confiar” ainda pode ser transitivo direto e indireto, se for usado na acepção “deixar algo sob a responsabilidade de alguém” (Ele confiou as chaves de sua casa ao funcionário.). Mas veja que esse não é o caso da opção B.

Proposta de Redação

As três opções envolvem a temática **leitura de poesia**, já surtida na prova objetiva. Como os textos I, II, e III apresentam perspectivas interessantes e bem objetivas sobre o assunto, o(a) candidato(a) obteve uma boa referência para iniciar sua discussão.

É importante ressaltar que se **basear** nas ideias sugeridas nos textos é muito diferente de copiá-las.

Além disso, é clara a **orientação** de produção dissertativoargumentativa, havendo, portanto, a necessidade de formulação de uma TESE que envolva o objetivo da opção escolhida.

Seguem alguns pontos que poderiam ser contemplados em cada opção:

1. O candidato que escolheu essa opção deve responder à questão "Há tempo para uma leitura atenta no dia-a-dia do estudante?". Assim, a sua TESE deve explorar possibilidades da leitura no cotidiano do estudante, fundamentando seus argumentos na existência de diversificadas opções de leitura. Algumas sugestões de argumento:

- formas de realização de leitura.
- Obstáculos do dia-a-dia na sociedade contemporânea, como acúmulo de tarefas, evolução dos recursos tecnológicos – que aceleram a produção de imagens – podem impedir a prática da leitura.

2. O texto deve desenvolver ou refutar a TESE de que a arte auxilia o homem a superar as suas condições.

Mais uma vez, é a construção do jogo de estratégias argumentativas, como exemplos, fatos históricos/cotidianos que garantirá a qualidade argumentativa do texto.

- Exemplos como as grandes produções artísticas (monumentos históricos, arquitetônicos, etc), produções musicais, etc podem ser uma boa orientação para sustentar a TESE dada. Uma outra dica interessante pode ser a relação entre as produções de arte e eventos históricos, como períodos ditatoriais e/ou de guerras.

3. Assim como na opção 2, nesta opção, o candidato(a) teve liberdade para posicionar-se sobre a questão proposta "(...) é tempo de ler poesia?".

Uma boa argumentação deve oferecer subsídios para a sustentação de tal ideia.

- Falar sobre a importância da leitura de poesia no cotidiano, como desenvolvimento de potencialidades intelectuais, da sensibilidade e da criatividade pode ser uma interessante estratégia para desenvolvimento do texto.
- Outra estratégia pode ser a de sustentar a ideia de que não há um tempo específico para a poesia, uma vez que ela está presente em todo lugar a qualquer instante.